

# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021  
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612  
[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## 4 – OS APLICATIVOS DOS CELULARES (APPS) E SUA CONTRIBUIÇÃO NO SETTING ARTETERAPÊUTICO VIRTUAL E PRESENCIAL

Miriam Aparecida da Rocha Joaquim <sup>\*1</sup>  
 Sonia Maria BufarahTommasi<sup>\*2</sup>

### RESUMO

A arteterapia sempre primou pelo atendimento presencial, pela relação face a face de terapeuta e cliente, com manuseio de materiais que possibilitam a expressividade analógica. Mas o ano de 2020 desmoronou, mundialmente, a forma de existir, de viver, de estar no mundo. O convívio social, familiar, profissional, educacional foram bruscamente interrompidos pela COVID 19. O medo e a angústia se instalaram dentro da alma humana. Em um prazo de alguns dias tudo parou e teve que ser reinventado. O mundo virtual tornou-se o meio mais importante de relacionamentos, atravessando longas, médias e pequenas distâncias, auxiliando na reinvenção de se viver, de estar no mundo. Os atendimentos arteterapêuticos, que dão suporte a saúde mental, deixaram de ser presenciais e passaram a virtuais, seguindo as orientações da União Brasileira de Associações de Arteterapia – UBAAT. A busca por novos recursos expressivos se fez urgente. Muitas dúvidas surgiram, mas, o mais importante era continuar dando suporte aos atendidos e abrir novos caminhos para acolher a demanda. Surgindo a necessidade de capacitar arteterapeutas no uso das tecnologias aplicadas ao processo arteterapêutico. Pensando na capacitação dos profissionais arteterapeutas, a UNIPAZ-Goiás, ofertou o curso de Tecnologias Aplicadas na Arteterapia e Psicoterapias, sob a coordenação e docência da professora doutora Sonia Maria Bufarah Tommasi, e do professor especialista Arthur Fernando Drischel. O curso seguiu as orientações da UBAAT, e foi elaborado segundo a ementa e referências propostas pela UBAAT. Tendo como fundamentação teórica a psicologia analítica. O presente artigo apresenta um estudo de caso, da pesquisa empírica com a aplicação de alguns aplicativos estudados em curso. Tendo como objetivo verificar se os recursos tecnológicos, aplicativos, jogos, possibilitariam a expressão de emoções, sentimentos e criatividade.

**Palavras-chave:** Tecnologias; arteterapia; aplicativos.

<sup>\*1</sup> **Miriam Aparecida da Rocha Joaquim** – Mestre em Arteterapia Transdisciplinar, Especialista em Arteterapia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais, Professora de História da Arte, Arteterapeuta, escritora. [mapdarocha.mar@gmail.com](mailto:mapdarocha.mar@gmail.com)

<sup>\*2</sup> **Sonia Maria BufarahTommasi** – Doutora em Ciências da Religião, Mestre em Psicologia da Saúde, Psicóloga, Arteterapeuta, escritora. [soniabtommasi@gmail.com](mailto:soniabtommasi@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O relógio do mundo acelerou neste século XXI. A maioria da humanidade passa de usuários analógicos para usuários digitais. Por causa de uma pandemia mundial, todos são obrigados a ficar em casa e aprender a mexer com ferramentas tecnológicas que, até então serviam para uma pequena população como forma de trabalho, para outros como comunicação e divertimento, e muitos ainda tinham certa resistência, visto que o encontro presencial, o olho no olho, o “ao vivo e em cores” era realidade, ainda. De um momento para outro, como se fosse um passe de mágica, a experiência de convivência de presencial se torna virtual, com um sério agravante, o medo da presença do outro, por levar à morte.

A vida diária teve que ser remodelada, surge a necessidade de se instalar novos padrões de comportamentos, vários ramos do comércio passam a ser oferecidos pela internet. As reuniões familiares e entre amigos não são mais convenientes, a tela do celular, dos computadores, tablets ou notebooks, tornam-se os mediadores, destes encontros. É interessante como este novo modo de viver provoca reflexões sobre o quanto é importante o toque, a presença, o cheiro, a risada alta em grupo, ir ao cinema e comer pipoca. Tudo isso não pode ser presencial neste momento e as dores da solidão, o medo, as angústias surgem com muita intensidade, pois são reais não virtuais. A solução encontrada é buscar ajuda terapêutica e a oferecê-la online.

Fazer atendimento arteterapêutico online, ou de qualquer dos setores da terapia, é um desafio recente no Brasil. Até o ano de 2020 não se tinha respaldo para fazê-lo. Com a pandemia, esse conceito mudou, tornando-se produtivo, desmistificador e necessário. Uma modalidade de atendimento que veio para ficar. Sendo assim, aliar os recursos já utilizados na arteterapia e agregar os aplicativos diversificam a abordagem com o cliente. Entretanto é preciso tomar cuidado para não os banalizar e usá-los como divertimento.

Os Apps devem ser empregados com objetivos bem traçados, para que não se utilize o jogo pelo jogo. Assim como nos apropriamos dos materiais das artes visuais, música, teatro, dança, literatura presencialmente, também podemos fazer o mesmo

com os Apps. Eles facilitam a comunicação entre cliente/terapeuta e cliente/inconsciente, estimulam o cliente a entrar em contato com suas emoções e afetos. Para isso, é necessário que o Arteterapeuta antes de aplicá-los, baixe o aplicativo para explorá-lo, estudá-lo e verificar qual a sua funcionalidade e com que público poderá ser trabalhado. Conhecer o Apps sob o olhar terapêutico, analítico é de suma importância para o processo arteterapêutico ocorrer, e ter uma teoria psicológica que norteie o processo. No presente estudo a psicologia analítica serviu de base para análise dos conteúdos simbólicos expressos.

## A ARTETERAPIA E OS APLICATIVOS DE CELULAR

Num atelier arteterapêutico presencial o processo ocorre por meio das linguagens artísticas (sonora, plástica, corporal, interpretativas, literárias) com materiais expressivos diversos, que promovem o autoconhecimento, a emersão dos conteúdos inconscientes e sombrios, destaca os conflitos, as tristezas, as relações prazerosas, que muitas vezes estão guardados por muitos anos, trancafiados a sete chaves, nas sombras. Os aplicativos, assim como a “arte, o imaginário e o corpo permitem criar essa ponte essencial entre o consciente e o inconsciente, entre a sombra e a luz”. (DUCHASTEL, 2010, p. 13)

Para Sei (2011, p. 45) a “Arteterapia diferencia-se de outras abordagens terapêuticas justamente por se utilizar de materiais artístico-expressivos para execução de produções durante o processo terapêutico”. Assim sendo, os Apps vieram para contribuir nesse processo, inicialmente nesse tempo de pandemia que se está vivendo, contudo é um recurso que não mais poderá ser dispensado, sim incorporado a Arteterapia.

Durante o curso de Tecnologias aplicadas em Arteterapia e Psicoterapias compreendeu-se que os Apps também podem facilitar a emersão destes conteúdos, e que o Arteterapeuta soma ao seu trabalho mais recursos, portanto é de grande valia e está ao alcance de muitos dos que procuram a Arteterapia. Sabe-se que

(...) Na Arteterapia, a arte é concebida como uma metáfora, um melhor, algo que se assemelha à arte, indicada por sua

dupla condição: por um lado, aquele que frequenta o ateliê não se compromete com um aprendizado sistemático das regras do ofício, nem com a criação de ideias plásticas cuja coerência estética seja completa e socialmente reconhecida; por outro lado, a Arteterapia demanda da arte um serviço útil. Este serviço terapêutico constitui a própria definição de arte, projetando simultaneamente sobre o paciente a tensão contraditória inerente à possibilidade de cura. (PAÍN, 2009, p.12)

Dessa maneira torna-se possível trabalhar com os aplicativos. O cliente não se transformará num *expert* em jogos, aplicativos de fotos e outros. Como foi colocado acima, esse é mais um recurso facilitador para o cliente entrar em contato com suas agitações internas, conhecer o que está nas sombras, no seu inconsciente.

O presente artigo apresenta algumas sessões de um estudo de caso no qual foi utilizado aplicativos no processo arteterapêutico. Os Apps utilizados neste estudo de caso são da Google Play: Roda da Vida, Picasso Draw e ArtFilter. O estudo foi realizado sob o olhar da Psicologia Analítica, direcionado para os símbolos expressos, emoções manifestas ao lidar com os aplicativos, as quais foram correlacionadas aos seus conflitos, tendo como meio de interação entre Arteterapeuta e cliente a maiêutica socrática.

O sujeito deste estudo de caso é do sexo feminino, 52 anos, deficiente física, de fé católica, casada, dois enteados, professora. A cliente, a partir daqui, será denominada como Maria, a fim de não identificar o real nome devido à ética profissional.

A seguir será apresentado parte do processo arteterapêutico, com algumas sessões com o uso dos aplicativos citados.

## O TRABALHO COM A APLICAÇÃO DOS APPS RODA DA VIDA, PICASSO DRAW E ART FILTER

### - Roda Da Vida

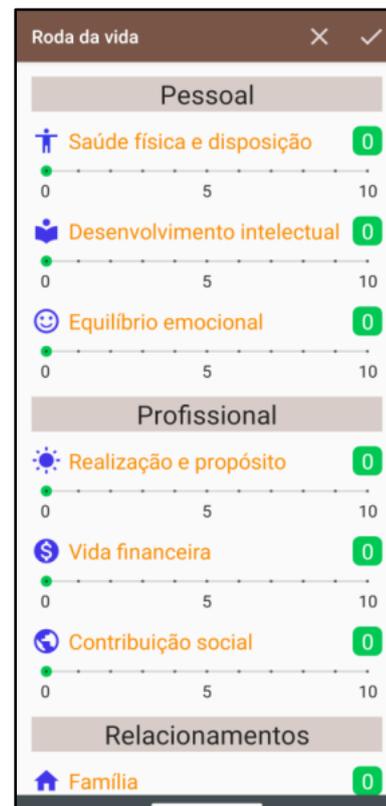


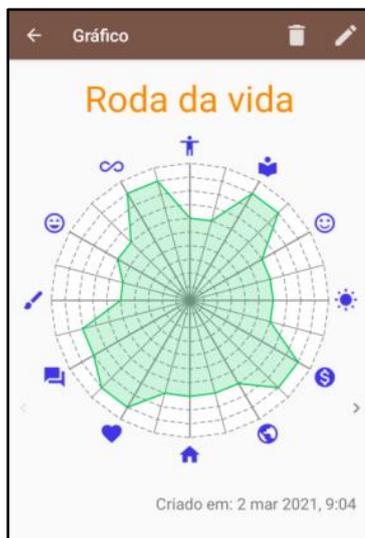
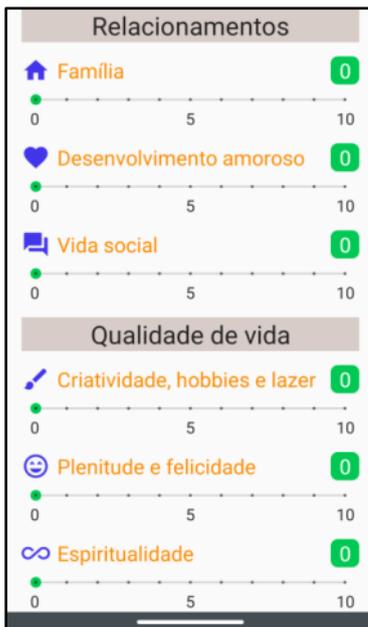
Imagem disponível em:

[https://play.google.com/store/apps/details?id=com.yuddi.rodadavida&hl=pt\\_BR&gl=US](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.yuddi.rodadavida&hl=pt_BR&gl=US) Acesso 02 mar 21

O aplicativo Roda da Vida é um recurso bem útil em processo terapêutico, auxilia na visualização geral das áreas da vida, destacando as que estão abaixo da média ou acima da média, portanto, direciona a atenção para as áreas que requerem mais atenção. Para tanto, se traçam dez círculos, um após o outro, utilizando o mesmo ponto central. Em seguida se faz sua divisão em forma de pizza, escolhendo as áreas da vida que são importantes, como saúde física, desenvolvimento intelectual, equilíbrio emocional, família, vida social, entre outros. Os temas a serem escolhidos podem partir do geral e caminhar para os específicos. Depois se colore cada fatia da “pizza” conforme a nota que se dá para aquela área, de 0 a 10. Dessa maneira entende-se o que precisa ser trabalhado, que área está sem energia psíquica e qual está com mais concentração de energia. Essa ferramenta surgiu nos 1960 e sua criação é atribuída ao norte-americano Paul J. Meyer.

No século XXI esse instrumento terapêutico ganhou espaço no Google Play tornando-se mais acessível para quem tem um celular, no caso, um Android. Nele pontuam-se as áreas da vida e depois se vê a Roda da Vida pronta, conforme imagens abaixo:





Imagens: arquivo pessoal

Foi utilizada tanto a Roda da Vida física quanto a virtual com Maria. Com essa atividade terapêutica obteve-se a seguinte análise da cliente, dentro de uma visão arteterapêutica, proposta por essa pesquisa. Abaixo, seu relato escrito a respeito da atividade:

Confeccionar, preencher e analisar a Roda da Vida, tanto virtual quanto física me trouxe duas visões. Primeiro, como eu sou racional, matemática, perfeccionista, ainda! Veja, tive que buscar uma régua para traçar as linhas quando fiz a Roda da Vida no papel. Lutei para não fazer marcas e deixar tudo retinho, como de costume.

Pensei muito a respeito para buscar algum possível início de resposta. Vieram algumas questões de imediato: Será que, por ser deficiente e ter os

lados do corpo assimétricos eu busco essa simetria, essa organização, fora dele, nas coisas que produzo? Veja, não sou totalmente organizada. Minha mesa de trabalho artístico é bagunçada. Porém, quanto ao trabalho teórico, tenho todos os livros separados. Aqui veio mais uma questão. Ambas as produções são minhas, mas por que ajo diferente entre a produção imagética e a literária? Será porque a literária seja um pouco mais racional e a imagética, intuitiva, no meu caso? (SIC)

Importante esclarecer que Maria tem uma síndrome chamada Ehrlés-Danlos, pouco conhecida na cidade em que mora e pela pesquisa que fez, inclusive no país. Essa síndrome se manifesta de várias maneiras. O colágeno não tem boa qualidade e afeta a formação e manutenção de onde há cartilagem no corpo. No caso da cliente, a síndrome se encaixa no nível raríssimo, manifestando-se principalmente na formação dos ossos do quadril além de outras implicações. Atualmente ela tem prótese em ambos os fêmures. Contou que descobriu recentemente, em 2019, que nasceu com essa síndrome, também conhecida como a Síndrome do Homem Elástico.



Fonte: Arquivo Pessoal

Além da reflexão, Maria fez analogias com as cores que escolheu e utilizou outro aplicativo para realçar uma imagem que saltou aos seus olhos na Roda da Vida física. Ela relatou que o vai e vem das linhas e a escolha das cores que usou a fez perceber que "há uma paixão, uma dor física, uma dor emocional e uma dor no relacionamento familiar, representados pelo vermelho e suas nuances" (sic). Comentou que compreendeu isso olhando para o papel onde fez a Roda da Vida. Maria coloca o vermelho como dor tanto física quanto emocional, que envolve a questão familiar, também. O vermelho é a cor

do sangue, da paixão, da luxúria, da nobreza nos reinados, da guerra. Contudo não se encontra o vermelho literalmente como dor. O vermelho litúrgico, usado na igreja Católica, por exemplo, simboliza o sangue de Cristo derramado, portanto o sacrifício. Quando observamos a imagem acima vemos que o vermelho não ocupa tanto espaço assim e está ligado a dor física. Por ter uma deficiência, ela nos relatou que sente dores no corpo. Contudo, o vermelho é intenso, mas não ocupa a maior parte da Roda da Vida. Segundo Heller (2013, p.55), “A ação psicológica e simbólica do sangue faz do vermelho a cor dominante de todas as atitudes positivas em relação à vida. O vermelho, como a mais forte das cores, é a cor da força, da vida (...)”

Maria traz um sentido simbólico próprio para o vermelho, assim sendo é importante lembrar que os arteterapeutas e os terapeutas em geral

não tem que tomar conhecimento apenas da biografia pessoal do paciente, mas também das condições espirituais do seu meio ambiente próximo e remoto, em que permeiam influências tradicionais e filosóficas que frequentemente desempenham um papel decisivo (JUNG, 2018, p. 7).

Aqui se vê que Maria não foi influenciada na interpretação do significado simbólico das cores, sua leitura não traz exatamente um conteúdo universal. Para ela o sangue representa dor. Maria relatou que na sua última cirurgia teve que tomar duas bolsas de sangue. Disse que sentiu a dor da perda de grande quantidade de sangue; a dor quando lhe furaram novamente o braço para tomar sangue; a dor para que tirassem o dreno que retirava o sangue coagulado de sua perna. Nesse momento pode-se pensar que esse é o sangue do sacrifício. Nesse sentido, de significado universal.

Segundo a cliente, “elas (as dores) existem mesmo, apenas não entendia serem tão fortes dentro de mim” (sic). Maria levantou questões importantes, como: “Onde então está meu foco, minha ‘saúde?’” (sic) Nesse momento foi trazendo mais analogias com as cores que utilizou relatando que sua saúde estaria na profissão e no relacionamento social, representados pelo verde que, para ela, é saúde, esperança e frescor.

Maria coloca, portanto, a dor como doença, na cor vermelha. Questiona-se onde anda sua saúde, que para ela é o verde. Ora, vermelho e verde são cores complementares, as opostas no círculo cromático. Para Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 938), “situado entre o azul e o amarelo, o verde é o resultado de suas interferências cromáticas. Mas entra, com o vermelho, num jogo simbólico de alternâncias. A rosa desabrocha entre folhas verdes”.

Ainda em Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 938-939), a cor verde tem um “valor médio, mediador entre o calor e o frio, o alto e o baixo, equidistante do azul celeste e do vermelho infernal – ambos absolutos e inacessíveis – é uma cor tranquilizadora, refrescante, humana”.

O significado, para Maria, do verde é bem semelhante ao significado universal. Uma cor que é tranquilizadora, refrescante e humana traz saúde, esperança e frescor.

As próximas cores que receberam atenção foram azul e amarelo. Ela comentou que a sua relação com as finanças “é tão tranquila quanto o azul do céu” (sic). Percebeu que precisa de energia, visto que o amarelo, “a vitalidade, a força, não estão alimentando meu lazer. Ele está aceso, mas muito fraco” (sic).

Maria traz em todas as suas falas a energia simbólica das cores e como ela vê e se relaciona com ela ou com elas. O azul, por exemplo, é uma cor fria e aqui está ligada às finanças apontando uma relação saudável com algo por vezes tão estressante. Já o amarelo nos faz lembrar o sol, o calor, uma vida alegre.

A experiência mais elementar que temos do amarelo é o sol. Esta experiência é compartilhada por todos como efeito simbólico: como cor do sol, o amarelo age de modo alegre, revigorante. Os otimistas têm uma disposição ensolarada, o amarelo é sua cor. O amarelo irradia, ri, é a principal cor da disposição amistosa (HELLER, 2013, p. 85).

Amarelos também são os *emojis* que tanto fazem sucesso no *WhatsApp*, *Telegram*, *Facebook* entre outras mídias. No município onde Maria mora chove muito, às vezes, semanas seguidas. Isso impossibilita atividades fora de casa. Com a pandemia ficou um pouco mais difícil. Mas essa chama

ainda está acesa nela, visto que o amarelo está vibrante.

Maria faz interessantes metáforas ao relacionar as áreas da vida na Roda da Vida com as cores que escolheu. Para Ostrower (1983, p. 235) “a expressividade da cor dependerá das funções que desempenhe”. Há uma simbologia universal, mas a individual é tão importante quanto.

Percebe-se que da cor a cliente passou a ver a forma. Aqui cabe informar que Maria é professora de Artes e muito observadora. Nesse momento ela viu-se “lúdica ou simbólica” (sic). E observou: “Como a minha criança interior ainda gosta de brincar com as formas!” (sic). Comentou que a primeira coisa que viu depois das cores foi a forma na Roda da Vida, somente depois se atentou para o gráfico em si. Nesse momento, ao perceber a forma, ela se apropriou de outro aplicativo, o “Picasso Draw”, para fazer uma interferência no gráfico que produziu manualmente. Primeiro o fotografou e depois desenhou a partir do aplicativo, sobre a Roda da Vida, criando outra imagem, conforme visualizamos:



Fonte: Arquivo Pessoal

A imagem que produziu a fez lembrar-se de outra, onde uma jovem e uma velha se fundem:



Fonte: disponível em <https://super.abril.com.br/comportamento/moca-ou-velha-o-que-voce-ve-nesta-imagem-pode-indicar-sua-idade/>  
Acesso 10 fev21

Contudo, observou que na nova imagem aparece apenas a velha. Em uma breve reflexão traz lembranças de comentário que ouviu, “muitas pessoas falaram que eu tenho uma aparência jovem e uma alma muito antiga. Será? Talvez” (sic). A cliente contou que sempre teve com ela a imagem de “velhinhas brincantes, estilo a Feiticeira Faceira (bruxinha da Hanna-Barbera, sabe?), risonha, feliz, mas sábia” (sic):



Fonte: disponível em <http://mundohanna-barbera.blogspot.com/p/feiticeira-faceira.html>  
Acesso 10 fev 21

Para Jacobi (*apud* JUNG, 2008, p. 379) a velha “é um símbolo bem conhecido dos mitos e contos de fadas, nos quais representa a sabedoria do eterno feminino”. No início Maria disse que estava tentando se desligar do racional, do milimetricamente elaborado. Essa atitude se opõe a velha sábia que mostra o caminho sem dificuldades, sem cobrança, sem exigir perfeição. Apenas mostra o caminho. Tão simples e tão profundo quanto o pensamento do homem primitivo que

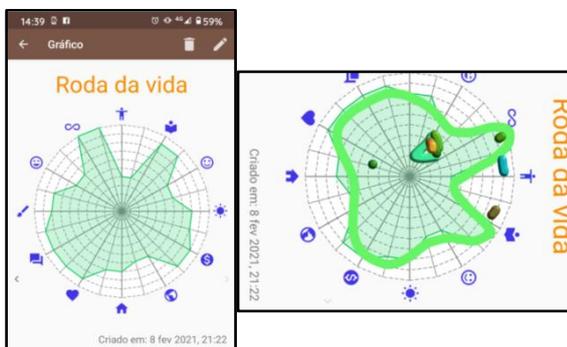
era muito mais governado pelos instintos do que seu descendente, o homem “racional”, que aprendeu a “controlar-se”. Em nosso processo civilizatório separamos cada vez mais a consciência das camadas instintivas mais profundas da psique humana, e mesmo das bases somáticas do fenômeno psíquico. Felizmente, não perdemos essas camadas instintivas básicas; elas se mantiveram como parte do inconsciente, apesar de só se expressarem sob a forma de imagens oníricas (JUNG, 2008, p. 59).

Mesmo de olhos abertos Maria deixou sua mente buscar uma imagem livremente e seu conteúdo arquetípico surgiu, a velha brincante.

Os conteúdos arquetípicos acompanham a estrutura psíquica do indivíduo na forma de possibilidades latentes, bem como de fatores tanto biológicos como históricos. Cada arquétipo é sempre atualizado de acordo com a vida exterior e interior do indivíduo e, ao receber forma, aparece na frente da câmara da consciência, ou como dizia Jung, é “representado” diante da consciência (JACOBI, 2016, p.46).

Comentou que está gostando muito de se conhecer por outras vias, que não só as atividades presenciais ou artísticas. Segundo ela, está complementando a terapia. “Talvez seja impressão, mas parece que me olho de fora, como se fosse outra pessoa, e tento descobrir o que existe dentro de mim” (sic).

Dando sequência a análise do aplicativo a Roda da Vida virtual, a cliente também viu outra forma, a de uma cobra:



Fonte: Arquivo Pessoal

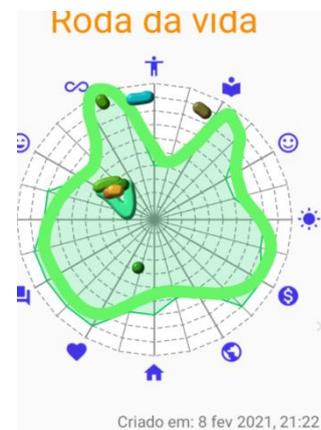
A cobra, ou serpente, representa as profissões que se dedicam a saúde. No Egito antigo a naja simbolizava o olho de *Rá* que ficava sobre sua coroa protegendo o faraó e amedrontando os inimigos. Existem muitos

Maria não diz que o animal quer comer,

significados para um mesmo símbolo, porém Maria observou a atitude da cobra. Conforme a cliente “ela, ou eu, não quer atacar, mas se defender. Não quer machucar, mas curar” (sic). Mais uma vez Maria traz a questão da saúde, agora na Roda da Vida on-line. Observa-se que a cobra é verde e verde para ela significa saúde, esperança e frescor como já visto acima. O veneno da serpente também é remédio. Na mitologia temos Asclépio, filho de Apolo com uma humana, criado por Quíron,

(...) o centauro sábio, conhecedor das drogas e educado nas artes da cura. Como médico e protetor de todos os curandeiros, ele leva consigo uma serpente enrolada em um bastão. Visto que essa imagem se manteve até hoje como símbolo para médicos e farmácias, é óbvia a suposição de que, com isso, se aponta também para a força do veneno das serpentes. Porque sempre foram os curandeiros os que detinham o conhecimento sobre o uso e a dosagem das drogas e dos venenos, e que inclusive sabiam transformar os materiais que provocavam a morte em substâncias que operavam milagres. Na pesquisa farmacêutica moderna, os venenos das serpentes têm relevância no âmbito da coagulação sanguínea (BACHMANN, 2016, p. 177).

Abaixo vemos que originalmente a imagem está virada e a cobra aparece com a boca para cima. O réptil “está gritando, recebendo alimento, pedindo socorro, se afogando... Ainda não sei” (sic), disse Maria. O não querer atacar, mas se defender é próprio do animal que está em perigo, acuado, se sentindo ameaçado. Características que a cliente expõe na fala acima:



Fonte: Arquivo Pessoal

Maria não diz que o animal quer comer, mas que está recebendo alimento. Essa não é uma característica da serpente que, desde cedo, vai em busca do próprio alimento. Contudo, essa não é uma cobra do mundo animal, mas faz parte do repertório do inconsciente de Maria.

Como símbolo, a cobra ou serpente “significa a renovação, a vitalidade e também a cura” (BACHMANN, 2016, p.187). Maria trouxe do seu inconsciente o auxílio para a cura das suas dores, por meio das imagens da velha sábia brincante e da serpente verde.

Como se pode constatar, esse aplicativo é simples e objetivo. Levá-lo para o espaço terapêutico virtual ou mesmo presencial é muito proveitoso visto que é um excelente auxiliar para análise e/ou autoanálise. Conforme se verificou no relato acima, ele proporciona muitas questões a serem trabalhadas e o cliente vai encontrando caminhos por meio da maiêutica socrática, o que amplia a possibilidade do cliente encontrar um caminho mais adequado para o entendimento das próprias questões. No caso, as questões fluíram naturalmente e o mergulho no inconsciente se deu através do contato com as imagens que saltaram a partir da Roda da Vida, que “conversou” com Maria para além da maneira tradicional de sua intenção primeira. Essa atividade trouxe a simbologia das cores, a visualização das formas a partir de um gráfico feito manualmente ou digital, e a maiêutica.

A seguir será abordado o App *Picasso Draw* e as conexões que Maria fez consigo através do mesmo.

### - Picasso Draw



Imagem disponível em:

[https://play.google.com/store/apps/details?id=com.caramelized.apple.apps.Picasso&hl=pt\\_BR&gl=US](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.caramelized.apple.apps.Picasso&hl=pt_BR&gl=US)  
Acesso 02 mar 21

O aplicativo *Picasso Draw* oferece diversas funções para criar ou interferir em imagens, como fotografias, imagens armazenadas na galeria do celular ou baixadas da Internet. Também possibilita a

criação de formas, desenhos, escrita usando o próprio dedo ou uma caneta digital. No caso, Maria utilizou os dedos para interagir com o aplicativo.

Inicialmente apresenta alteração emocional, ficou um pouco agitada, nervosa, demonstrando ansiedade. “No início não gostei muito desse aplicativo. Dedo e tela não estavam conversando muito bem e a sensação de irritação, de falta de domínio me invadiu novamente. Porém, respirei e pensei: para que dominar? Divirta-se. Solte-se para vir o que está aí dentro de você” (sic). Ao relatar que a falta de domínio a incomoda, Maria estava usando seu pensamento racional. Isso a irritou. Contudo ao relaxar se deixou levar, deu espaço para o inconsciente fluir, ficando mais fácil interagir com o aplicativo e seus recursos. Mesmo assim, como veremos abaixo, a cliente expõe esse desconforto de outra maneira.

Ao escolher as imagens Maria buscou fotografias que costuma tirar do céu. “Como amo nuvens e céu, esteja ele com um azul ímpar ou trazendo uma trovoadas de arrepiar, ele me encanta, me comove, é o meu grande mistério e companheiro. Parece que nos entendemos. Inexplicável com palavras” (sic).

O céu é um campo masculino. A maioria dos deuses associados a ele é masculino. Nut, deusa egípcia, é uma raridade entre eles. Esta deusa está mais, porém não apenas, associada à noite já que é representada com o corpo coberto por estrelas. Segundo Marx et al. (2007, p. 81).

Este vasto céu estrelado, que se curva protetoramente sobre a terra e todos os seus habitantes, é a mãe estelar Nut. Sendo o próprio firmamento que circunda a terra, ela não é apenas a mãe de todas as divindades, mas abarca toda a vida em seu regaço.

Maria ama o céu, não importa como ele se apresenta. Ele é o seu “grande mistério”, mesmo depois de a ciência desvendá-lo em muitos aspectos. “Agora a psicologia do profundo vê a imagem do céu salpicado de estrelas como uma visualização das tremeluzentes centelhas de consciência no seio da escura vastidão da psique inconsciente” (MARTIN, 2012, p. 56). Ao observarem-se as imagens de céu que Maria buscou, percebe-se que a irritação inicial continua ali na forma de nuvens pesadas. Seu inconsciente trazendo a sua frustração,

“Estou chegando”, diz a nuvem carrancuda:



Fonte: Arquivo Pessoal

A nuvem é algo leve, fluido, inconsistente porque não se pode pegá-la, apenas senti-la e vê-la.

Formadas pela evaporação da água do mundo, as nuvens flutuam suspensas entre a terra e as extensões superiores da atmosfera. As nuvens fazem parte de padrões climáticos globais e inconstantes, são reflectores e repositórios da energia solar e origem de relâmpagos, trovões e chuva (MARTIN, 2012, p. 58).

Conforme Maria relatou, “foi a imagem do céu que me libertou, que disse o que eu precisava fazer. Fluiu naturalmente, intuitivamente, quase que sem pensar. Me diverti com isso. E me pareceu verdade o que apareceu” (sic).

Aqui a cliente passa da racionalidade para a intuição. E sua última frase é bastante elucidativa. A verdade apareceu na forma de uma imagem pesada. Ela escreve na foto “estou chegando” e constrói um personagem assustador. Quem está chegando? Conforme a própria Maria descreve: “Nas fotos aparece um monstinho ameaçando: *Estou chegando!*, avisa ele. Porém nem as nuvens são muito escuras, nem ele parece tão assustador, observando bem. Mais quer impor respeito do que amedrontar. Afinal, a chuva é necessária e só brinca com trovoada quem não a respeita e geralmente o resultado não é muito bom”. Nessa fala de Maria está exposto o que ela busca, respeito e equilíbrio e sua atitude aos que invadem seu espaço. Assim como a cobra da Roda da Vida, ela não quer machucar, mas ser respeitada.

Maria invoca a trovoada, forma feminina de falar do trovão. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa,

**trovão** *sm* 1. Estrondo produzido no ar por descarga da eletricidade atmosférica; trovoada. 2. Grande estrondo; trovoada.

**trovoada** *sf* 1. Tempestade com trovões. 2. Estrondo produzido no ar por descarga de eletricidade atmosférica; trovão. 3. Grande estrondo; trovão. 4. Discussão violenta e clamorosa. (BARSA, 2010, p. 1046)

Percebe-se aqui, a relação trovoada/discussão que Maria expôs. Contudo em todas as suas falas coloca que quer apenas se defender. Porém se houver necessidade, não vai conter a trovoada que nela está contida, pois as suas nuvens internas de brancas como algodão poderão se tornar perigosas como uma trovoada carregada de raios.

No final da atividade Maria disse que foi muito gostoso, apesar da irritação inicial. Percebeu que não precisa estar sempre no controle. Conforme repetiu “para que dominar?”

Na sequência será colocado a respeito do App *ArtFilter* e as associações que Maria fez, a partir dele, com sua vida.

#### - Art Filter



Fonte: disponível em

[https://play.google.com/store/apps/details?id=com.lyrebirdstudio.art\\_filter&hl=pt\\_BR&gl=US](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.lyrebirdstudio.art_filter&hl=pt_BR&gl=US)  
Acesso 04 mar 21

“*Art Filter*” é um aplicativo utilizado para fazer interferências nas fotos, imagens da galeria do celular, imagens baixadas da Internet, *selfies* ou fotos tiradas dentro do próprio aplicativo. Nele há vários tipos de filtros que se pode escolher, além de oferecer recursos como o de modificar cor, contraste, brilho, entre outros. Neste App altera-se a imagem com alguma liberdade, visto que os modos estão prontos.

Ao usar esse aplicativo Maria disse que conseguiu interagir “sem irritação, sem estresse” (sic). Percebe-se que a cliente está, inclusive, numa posição relaxada, recostada no sofá para fazer a *selfie*, conforme imagens abaixo:



Fonte: Arquivo Pessoal

As cores que utilizou são contrastantes e por isso vibram e têm certo brilho. Para Maria, “experiência e curtidão foram as duas palavras que vieram” (sic). Muito diferente da irritação que, no início, trouxe o aplicativo “Picasso Draw”. Aqui ela está sorrindo, o que aparece apenas na imagem original, sem a proteção da identidade. Maria fala que gostou “das cores, da forma, da composição e da pequena interferência que fiz. Ficou melhor que a foto. O que está dentro de mim saltou nas cores” (sic).

E as cores que saltaram foram o azul, o amarelo e o rosa. Azul e amarelo se repetiram aqui. O amarelo trazendo energia para o pescoço, onde fica a garganta, a laringe, o seu instrumento de trabalho como professora que é. O azul contornando sua cabeça e colorindo a parede. Azul traz tranquilidade, frieza e descanso. Maria havia colocado a cor amarela na parte do lazer na

Roda da Vida. Aqui aparece tanto no seu pescoço, quanto na janela ao fundo. Trabalho e lazer precisam de vibração. A cor azul ela relacionou a sua tranquilidade financeira. Na foto esta cor contorna sua cabeça, seu lado racional. Mas e o rosa?

A cor rosa simboliza a força dos fracos, como o charme e a amabilidade. [...] E rosa é a sensibilidade, a sentimentalidade. O rosa, mistura de uma cor quente com uma cor fria, simboliza as virtudes do meio-termo. (HELLER, 2013, p.213-214)

Interessante observar que a cor rosa, nas tradições antigas, era masculina. A utilização do rosa para meninas e do azul para meninos começou por volta dos anos 1920 (HELLER, 2013, p. 215). Podemos pensar que aqui há a busca pelo equilíbrio, ou seja, o meio termo, já que na foto, azul e rosa se destacam.

Maria soltou-se tanto nessa atividade que utilizou o “Picasso Draw” para fazer interferências na imagem. “Depois que coloquei a auréola fiquei pensando, por quê? Quem sabe um anjo repousando depois do almoço, cansada de ser cobra ou de trovejar. Quem sabe”... (sic).

Observamos que Maria traz para essa atividade as anteriores. Diz estar cansada de ser cobra, de trovejar e coloca uma auréola, como um anjo. A cliente indica três elementos importantes aqui. A cobra, um ser rastejante; o trovão, ou o céu tempestuoso, algo inconsistente e estrondoso; e, por último, um ser angelical que volita e pode transitar entre o céu e a terra. Talvez uma combinação dos dois anteriores.

O anjo é um ser assexuado, recebe nome masculino e tem feições, muitas vezes, femininas. Um equilíbrio entre o masculino e o feminino. Maria relatou que tem forte ligação com seu anjo e muitas pessoas que ajuda e que convive dizem que ela parece um anjo. Uma dessas pessoas é o próprio marido. Disse que não concorda com ele. Que tem seus momentos de trovão, de cobra e que tem sexo. “Anjos não são assim” (sic). Porém para Maria todos somos anjos. Não volitamos, não temos asas, mas nossas ações podem ser parecidas com as dos nossos anjos.

Sem prejulgar interpretações teológicas dadas pelas Igrejas e sem prejulgar a fé católica sobre a existência dos anjos, pode-se todavia observar que, para muitos autores, os atributos conferidos aos anjos são considerados como *símbolos de ordem*

*espiritual* (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2015, p. 60).

Na imagem a seguir aparece uma gravura ao fundo. Maria conta que seu título é “A Filha da Chuva”, do artista Juarez Machado. Segundo a cliente, “nada é por acaso” (sic):



Fonte: Arquivo Pessoal

Ora, se Maria ama o céu do modo como ele se apresenta, com ou sem chuva, e a cidade onde mora chove praticamente toda semana, nada mais justo que se apropriar do título de uma obra que lhe é importante para nomear-se. Contudo, ao trabalhar a foto, ela a ilumina com a cor amarela. Novamente a busca do equilíbrio.

## RESULTADO

O trabalho com os Apps revelou símbolos interessantes, além de proporcionar a cliente reflexões que vieram somar a maiêutica arteterapêutica. Maria interagiu com os aplicativos mesmo sentindo irritação por não controlar alguns deles. Permitiu-se sentir e analisou suas reações através de questionamentos.

A cliente revelou sentimentos e sensações através das cores utilizadas na Roda da Vida e deixou insurgir imagens do seu inconsciente para complementar as atividades terapêuticas. Velha brincante, cobra, trovoada, anjo apareceram com naturalidade durante as sessões e seus significados para a cliente, também.

Maria mesclou os Apps para interagir com as imagens tanto criadas quanto das fotografias, inclusive escrevendo numa delas,

na foto da trovoada. Fez relação entre sua deficiência física com suas atitudes em relação às suas atividades artísticas, a literatura e as artes plásticas.

Com isso, percebe-se que a relação imagem/criação/símbolo estão presentes inclusive quando se trabalha com aplicativos de celular, visto que o símbolo escolhe seus meios para mostrar-se à pessoa, ou seja, o inconsciente trabalha para revelar o símbolo seja por construções manuais ou digitais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aplicativos de celular foram muito úteis nas sessões online, visto que houve uma interação da cliente com essa tecnologia. Mesmo irritando-se, tendo alguma dificuldade, conseguiu perceber no seu íntimo as causas e trouxe verbalmente e de maneira escrita para as sessões.

Os símbolos, os arquétipos, as cores surgiram tanto quanto numa sessão presencial utilizando os materiais artísticos. As dores, as sensações, os sentimentos brotaram na primeira sessão ao se utilizar a Roda da Vida. Inesperadamente Maria trouxe uma representação simbólica e um arquétipo, ou seja, a cobra e a velha. Outro fator interessante foi a iniciativa de interagir com perguntas, com reflexões complementando a maiêutica arteterapêutica.

Nas atividades trabalhadas trouxe mais informações a seu respeito. Passou de cobra a trovoada; de trovoada a anjo. A cobra é um ser rastejante, com um corpo muito simples que ataca apenas quando é ameaçado ou quando está com fome; a trovoada é um fenômeno da natureza que evoca a energia do sol e da água que, com o calor excessivo do sol e a frieza da água, se transforma em tempestade; e, finalmente, o anjo, um ser imaginário que pertence ao sistema religioso judaico-cristão que transita entre o céu e a terra como mensageiro. Não podemos deixar de fora a velha brincante. A sábia bem-humorada. Todos são elementos que surgiram numa sessão presencial, porém que brotaram sem dificuldade em sessões on-line com uso de aplicativos.

Portanto, o atendimento on-line utilizando os materiais de artes ou aplicativos de celular são de extrema importância para que o cliente entre em contato com seus conteúdos

simbólicos e sombrios, com elementos do seu inconsciente.

Importante frisar que não é possível utilizar os aplicativos sem conhecê-los, sem testá-los, sem perceber sua função num *setting* terapêutico. Colocar um olhar terapêutico sobre os Apps é uma atitude fundamental. Com toda certeza é um material excelente para se trabalhar com os adolescentes, visto que esse público interage com os aplicativos de forma natural.

Roda da Vida, Picasso *Draw* e *Art Filter* foram aplicativos extremamente importantes para que Maria se conhecesse um pouco mais e entrasse em contato com suas reações. O Picasso *Draw*, aplicativo que a irritou acabou sendo o que ela utilizou em todas as atividades. Quebrou a resistência, colocou a velhinha brincante em ação.

Há muito que se descobrir a respeito dos jogos e aplicativos de celulares e sua função arteterapêutica e terapêutica. O caminho está aberto e as possibilidades são infinitas.

## REFERÊNCIAS

- BACHMANN, H. I. **O animal como símbolo nos sonhos, mitos e contos de fada.** Petrópolis: Vozes, 2016.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015
- DUCHASTEL, A. **O caminho do imaginário:** o processo de arte-terapia. São Paulo: Paulus, 2010 (Coleção Psicologia e Educação).
- ENCICLOPÉDIA BARSÁ UNIVERSAL. **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2010.
- HELLER, E. **A psicologia das cores:** como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung.** Petrópolis: Vozes, 2016.
- JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia.** Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. (org.) **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MARX, I.; TEDESCO, M. H.; KOSS, M. V. **As deusas egípcias e o século XXI:** uma visão atual do sagrado feminino no Egito antigo. São Paulo: Scortecci, 2007.
- MARTIN, K. (org.) **O livro dos símbolos:** reflexões sobre imagens arquetípicas. Colônia: Taschen, 2012.
- OSTROWER, F. **Universos da Arte.** Rio de Janeiro: *Campus*, 1983.
- PAÍN, S. **Os fundamentos da Arteterapia.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise.** São Paulo: Zagodoni, 2011.